

O ENSINO DE GRAMÁTICA SOB A COMPREENSÃO DA HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

**MARIA DOS REMÉDIOS NUNES DA COSTA
CHRISTIANA DE SOUSA DAMASCENO
EDIMAR SILVA DE LIMA
ANA CHRISTINA DE SOUSA DAMASCENO**

INTRODUÇÃO

Este trabalho é constituído por uma sequência de reflexões e análises sobre aspectos da língua, desde a Antiguidade aos eventos linguísticos ocorrentes na sala de aula, estabelecendo a compreensão da heterogeneidade da língua portuguesa para o ensino de gramática. São investigadas algumas concepções de língua e linguagem que partiram dos hindus, passando pelos gregos, latinos, chegando em Saussure, considerado o pai da Linguística, que fez estudos importantes sobre a língua. Também se fala um pouco da história da gramática, partindo das primeiras gramáticas, passando pela Port-Royal, comparada, chegando na gramática gerativa de Chomsky, outro que contribuiu grandemente para o avanço da Linguística. Há ainda esclarecimentos sobre os conceitos de gramática, a importância da gramática normativa e reflexões sobre a gramática internalizada. Objetiva-se a conscientização, principalmente, de professores de língua portuguesa da necessidade de uma transformação no ensino de gramática, que deve ter como ponto de partida o texto, priorizando a variedade padrão sem desprezar as demais variedades.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Com um foco distinto do adotado em estudos gramaticais tradicionais, que se voltam quase que exclusivamente à classificação gramatical morfológica e sintática, este trabalho propõe um redimensionamento dos conteúdos no ensino de língua portuguesa.

Propõe-se a inserção de atividades com a língua, que levam o alunado à aquisição de noções relevantes, como enunciado, texto e discurso, intencionalidade linguística, o papel da situação de produção na construção do sentido dos enunciados, variedades linguísticas, preconceito linguístico, variações de registro, semântica dentre outros. Defende-se, portanto, que, durante as aulas de português, a gramática deve ser vista como um processo dinâmico de interação social, isto é, forma de realizar ações, de agir, e atuar por meio da linguagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Até meados da década de 1960, o número de escolas no Brasil era bastante resumido e só existiam na zona urbana. Não se ouvia falar da existência de escolas nas zonas rurais nem mesmo em cidades de pequeno porte. A escola era privilégio para poucos, apenas para aqueles vindos das camadas de prestígio das zonas urbanas. Mas o número de escolas e de alunos vindos de famílias pobres foi aumentando e, conseqüentemente, variedades linguísticas muito diferentes das variedades urbanas utilizadas pelas camadas sociais prestigiadas passaram a ser usadas também dentro da escola. A variação linguística até então, não fazia parte dos planos de ensino, ou melhor, até fazia, mas como “erro”. É interessante grifar que o “erro linguístico” nasceu na Grécia, quando no império dominado por Alexandre tinha por idioma o grego.

Durante muito tempo o ensino de língua materna na escola era concentrado apenas na tarefa de impor um modelo idealizado de língua “certa”, além de transmitir um conhecimento detalhado dos conceitos da gramática tradicional e analisar frases soltas, descontextualizadas e muitas vezes até sem sentido. Além disso, a prática de leitura e da escrita não era muito utilizada, mas graças ao avanço da ciência linguística e às pesquisas na área de pedagogia, esse modo de ensinar português foi muito criticado, afinal os resultados não foram satisfatórios.

Compreende-se que um dos papéis mais importantes do ensino de gramática é levar os alunos a produzirem textos (orais e escritos) mais elaborados estilisticamente, textos que ocupam os níveis mais altos na escala de prestígio social. E, por isso, no ensino gramatical, enquanto prática escolar, deve haver conexões entre gramática e uso, entre gramática e produção e compreensão de textos, não ultrapassados ou guardados de museu, mas atuais, modernos e adequados ao contexto da turma.

Para Marcos Bagno (2007) muito do conhecimento que temos hoje em dia em diversos campos do saber – biologia, física, química, matemática, medicina, astronomia e outros – começou a ser produzido pelos sábios da Antiguidade, mas nenhum profissional dessas áreas no século atual vai basear seu trabalho exclusivamente nas teorias elaboradas há 2.500 anos. Logo, com os profissionais do campo da linguagem não deve ser diferente. Estes não podem continuar analisando a língua do mesmo jeito que se fazia trezentos anos antes de Cristo nascer.

Sabe-se que a língua portuguesa passou e tem passado continuamente por transformações. O Brasil, além da vasta extensão territorial e da heterogeneidade cultural, social e econômica, resquícios da colonização, é, portanto, heterogêneo quanto a sua linguagem. O português brasileiro é falado em cada região, estado e cidade de modo diferenciado. Assim como é falado diferentemente pelas diversas classes sociais, por pessoas de sexo, idade e profissões diferentes. No nordeste e na região sul, são percebidas claramente algumas alterações fonéticas, assim como entre as demais regiões. Um idoso e uma criança dominam a mesma língua, embora muitas vezes, esta desconheça algumas palavras utilizadas por aquela, fruto da evolução. A mulher fala um português manso, o homem fala forte. Um morador da favela da rocinha fala diferente daquele cujo espaço físico é o Leblon, por exemplo. Um morador do campo não fala como um morador da cidade. Os recursos da língua utilizados por um advogado não são os mesmos usados por um gari. Enfim, o português do Brasil é falado de diversas maneiras, determinado pela situação geográfica, classe social, idade, sexo, gênero, raça ou escolaridade. Esse “falar diferente” a mesma língua é o que se denomina variação linguística. Não existe um jeito certo ou errado de falar, mas diferentes formas que são adequadas para cada situação comunicativa diferente. As variações estão

presentes em todos os âmbitos, social e escolar, uma vez que ninguém é igual e, portanto, num grupo de pessoas, a língua não é falada do mesmo modo. Em uma sala de aula, por exemplo, existem inúmeras variações da língua e culturas diversificadas. Contudo a interação entre os indivíduos é satisfatória e os efeitos esperados são produzidos.

O ensino de gramática deve se centrar na variedade padrão da língua, já que o que leva os alunos à escola é a necessidade de aprender a variedade padrão. No entanto, as demais variedades não podem ser excluídas ou desvinculadas do processo de ensino, pois como diz Campos (2014), “quanto mais se aprende a respeito das variações, mais se prende sobre a própria língua”. É importante ressaltar que privilegiar a língua padrão não significa levar como modelos para sala de aula textos da literatura antiga contendo termos e expressões arcaicos e obsoletos. O objetivo maior que deve ser atingido através do ensino de português é que o aluno aprenda a escrita e a intencionalidade dos jornais, dos textos científicos e de outros gêneros.

O ensino da gramática deve levar em conta a sua relação com outras variedades além da padrão, tanto orais como escritas. Dessa forma, os alunos poderão aprender muito sobre a adequação linguística ao contexto de intencionalidade discursiva e, simultaneamente, conscientizar-se de que todos os falantes usam ora uma, ora outra variedade, fazendo da linguagem um meio para alcançar os objetivos que desejam. Como diz Campos (2014, p.33):

Essa postura relativa ao tratamento das variedades na escola provoca um outro efeito benéfico para o ensino, que é o de evitar o preconceito de considerar como errados os usos da língua que não seguem as mesmas regras gramaticais da variedade padrão.

Na perspectiva da gramática internalizada, todo aluno chega na escola dominando a língua portuguesa. O que é preciso ser feito é fazer com que esses alunos descubram isso, pois a consciência desse saber é importante para a produção de textos falados e escritos coesos, coerentes, criativos e relevantes.

É preciso, ainda, que os educadores tenham conhecimento do vem a ser, verdadeiramente, ensinar gramática e o que se deve ensinar. A língua não se manifesta em palavras soltas nem em frases isoladas.

Qualquer manifestação de linguagem é um texto, portanto, este deve ser o ponto de partida para os estudos daquela.

Existe a necessidade de que a gramática seja ensinada, não como exemplo de língua, mas como um importante patrimônio cultural do ocidente, uma vez que é fruto do trabalho de tantos pensadores como Platão e Aristóteles, dentre outros.

Não se aprende por exercícios mecânicos com frases sem contexto, mas por práticas significativas. É perfeitamente possível aprender gramática sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada. A maior prova disso é que alunos, preparando-se para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), escrevem e reescrevem textos dissertativo-argumentativos empregando orações subordinadas substantivas subjetivas para evitar o emprego da primeira pessoa e não sabem que as fez. Se o professor, pedisse que esses alunos classificassem essas orações, com certeza, a maioria ou mesmo a turma inteira não saberia responder. Nem precisa, não faz sentido ensinar nomenclaturas se os alunos já sabem o mais importante: a funcionalidade dessas orações. É importante esclarecer que as aulas de produção de texto não podem ser desvinculadas do ensino de gramática, uma vez que o aluno precisa dos conhecimentos adquiridos neste para aplicá-los naquelas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino de gramática deve se centrar na variedade padrão da língua, já que o que leva os alunos à escola é a necessidade de aprender a variedade padrão. No entanto, as demais variedades não podem ser excluídas ou desvinculadas do processo de ensino, pois como diz Campos (2014), “quanto mais se aprende a respeito das variações, mais se prende sobre a própria língua”. É importante ressaltar que privilegiar a língua padrão não significa levar como modelos para sala de aula textos da literatura antiga contendo termos e expressões arcaicos e obsoletos. O objetivo maior que deve ser atingido através do ensino de português é que o aluno aprenda a escrita e a intencionalidade dos jornais, dos textos científicos e de outros gêneros.

As línguas são historicamente dinâmicas, o português, como qualquer outra língua, é um fenômeno dinâmico, não estático, evoluiu e tem evoluído com o passar do tempo atendendo às necessidades da sociedade praticante da língua.

A diversidade linguística explícita na fala dos brasileiros caracteriza a heterogeneidade da língua, que é um fato comprovado a partir de estudos levantados desde as primeiras concepções de língua aos dias atuais. Não se pode negar que a língua brasileira é falada de diferentes maneiras em todo o país.

Essa heterogeneidade deve-se ao fato de o Brasil ter sofrido inúmeras influências durante o período colonial. Como é necessário fazer com que o aluno reconheça a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional, as variações linguísticas não devem ser marginalizadas e excluídas, principalmente, no âmbito escolar. É possível planejar aulas de gramática que priorizem a variedade padrão sem deixar de lado, proporcionando uma formação ampla sobre a variedade cultural e a consciência do respeito às diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos linguísticos trouxeram grandes contribuições para o ensino de gramática em meio às variações da língua. Crê-se que não existem línguas erradas, uma vez que os falantes nativos de uma língua a dominam muito bem desde os primeiros anos de vida e não correm o risco de falar errado o seu próprio idioma. Isso na perspectiva da gramática internalizada.

Conclui-se que o ensino de português, trabalhando a gramática, deve ser feito a partir de textos. Neles, além da variedade padrão, dever ter incluídas também as demais variedades para que o aluno aprenda sobre adequação linguística e intencionalidade discursiva, aspectos extremamente relevantes na construção e compreensão de sentidos de textos.

Palavras-chave: Heterogeneidade; Gramática; Ensino.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Elísia Paixão de. **Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades**. Goiânia: Cânoni Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ROBINS, R. H. **pequena história da linguística**. Tradução de Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro. Brasília: INL, 1979.

PAVEAU, Marie-Anne. **As grandes teorias da lingüística**: da gramática comparada à pragmática / Marie-anne Paveau, Georges-Elia Sarfati; Trad. M.R.Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006.